

LIÇÕES DE REGENERAÇÃO: OS SUJEITOS DA FILOSOFIA FEMINISTA

LESSONS OF REGENERATION: SUBJECTS OF FEMINIST PHILOSOPHY

Janyne Sattler¹

Este texto é apenas um ensaio. Não só no sentido filosófico-metodológico de uma escrita imponderável e em aberto. Mas no sentido mais teatral de um exercício, ou de uma experiência corporal possível e passível de apuramento, ou de uma prática performática que é sempre apta à repetição. A performance é, neste caso, meu próprio texto, como eco de uma performance anterior realizada de viva-voz. Isso ecoa também minhas propostas de pesquisa sobre as filósofas e suas performances políticas levadas a cabo em seus textos, em seus corpos textuais, muitas vezes como única estratégia política possível dadas as ações de exclusão replicadas ao longo da história da filosofia.² Seguindo as lições por elas deixadas, também eu pretendo então performar uma posição política de enunciação corporificada com palavras que ganham corpo, tecido, trama, urdidura, prótese, imagem.

Não é a primeira vez que ensejo uma performance que corporifica ao mesmo tempo o corte, a violência, a excisão, e a sobrevivência. E a fúria. Furiosa³ me parece a metáfora ciborguiana por excelência para aquilo que Donna Haraway nos apresenta como resposta a esse mundo que beira a distopia, mas que beira desde há muito a duplicidade que habita nossos corpos disformes e, apesar ou por isso, rebeldes. Assim, pense em Furiosa quando eu falar sobre lesão e machucado, sobre a escapada pela sobrevivência, sobre a invenção de um outro tipo de reparação feminista e filosófica que não tem a ver com conserto e solução, ou mera inclusão, sobre as cicatrizes inapagáveis deixadas sobre a terra, sobre nossa animalidade e sobre nossos membros fantasmas. Pense em Furiosa quando eu falar sobre o significado de uma filosofia regenerativa. E ao ler essas palavras de Donna Haraway: “Fomos todas lesadas, profundamente. Precisamos de regeneração, não de renascimento...” (2019, p. 202).

¹ Professora do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Coordenadora do *Grupo de Estudos em Reflexão Moral Interdisciplinar e Narratividade* (GERMINA) e do projeto de pesquisa e extensão *Uma Filósofa por Mês*. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4342-4327>

² Faço isso em meu projeto atual de pesquisa – “Uma política feminista do texto, da escrita e da linguagem”. Um exemplo dessa proposta é o texto *Christine de Pizan: Questões epistemológicas e autoridade performativa* (Sattler, 2023).

³ A personagem de *Mad Max: estrada da fúria* (George Miller, 2015).

Tenho lido o *Manifesto Ciborgue* desde muitas perspectivas diferentes e para vários propósitos – todos, no entanto, implicados com uma filosofia feminista não-dualista, não-binária, anticanônica e anticolonial. Mas é o trecho acima que sempre me dá a deixa e o gatilho e o impulso para a corporificação de uma reflexão que parece já saber de antemão o que significa percorrer a estrada da fúria de uma filosofia masculinista violenta como um corpo vulnerável e fadado à aberração ou à licença interina e precária. Ao performatizar Furiosa, eu poderia também estar performatizando a filósofa que é tomada pelos filósofos como histérica e emocional e irascível porque se debate e se contorce silenciada e aprisionada com suas ideias na camisa de força da normatização textual, linguística e política. Quando tudo o que está tentando fazer é chegar viva do outro lado desse deserto.

Levando consigo algumas outras filósofas igualmente necessitadas de regeneração.

Regeneração, porque não é possível nascer de novo ou começar do zero ou pensar num novo início como se pudéssemos voltar a algum ponto qualquer da “origem”, porque estamos todas no meio das coisas e no meio do caminho. Carregando a parafernália social, cultural e política que vai alquebrando e arqueando nossos corpos à exaustão. Pense em Furiosa arrastando seu caminhão à força da prótese. Fomos todas lesadas, diz Donna Haraway, profundamente. O que não significa desejar renascer, também porque a instanciação de cada nova vida já nasce no meio das coisas e no meio do caminho da violência, do poder, do esquecimento, da obliteração, do patriarcado e do colonialismo. E porque a ilusão do renascimento nos faria esquecer a nós mesmas e ao significado de nossas lesões. E todos os nossos enfrentamentos teriam sido em vão, porque não saberíamos mais o que fazer umas com as outras e umas pelas outras. Haraway rejeita o ‘renascimento’ como uma palavra para a filosofia feminista. É da regeneração de nossos corpos lesados que se trata, ao invés disso, com suas partes faltantes, ou com suas partes protéticas, ou com suas partes vincadas. No fundo, essa regeneração tem a ver com nosso reconhecimento mútuo como pessoas lesadas. Nós nos identificamos em nossa abjeção e monstrosidade. E reconhecemos nossa fúria. Na parte em que fomos e somos feridas, um novo pedaço corpóreo pode ser imaginado, como uma filosofia corporificada e tentacular. Donna Haraway poderia estar pensando na regeneração dos braços dos polvos ou na regeneração tecnológica das ciborgues ao afirmar que “o membro renovado pode ser monstruoso, duplicado, potente” (2019, p. 202).

Fomos todas lesadas, profundamente.

Nós, mulheres, como seres de segunda categoria no bojo do patriarcado. A categoria primeira, aquela que passa ileso pela socialidade e pela cultura para ela criada, e que vive o faz de conta de uma invulnerabilidade heroica e inatacável, a da masculinidade branca e financeiramente confortável,

detém o instrumental das produções da corporeidade subalternizada e assujeitada – as várias tecnologias de gênero de que fala Teresa de Lauretis (2019) cruzadas com a submissão à pobreza, à miséria e à discriminação de cor. Temos os pulsos e os pescoços marcados pela dominação masculina, membros atrofiados pela tortura da domesticação à força, um espírito enlouquecido pela fantasmagoria de nossas imperícias cognitivas, reiteradamente enfatizadas pela institucionalidade dos conhecimentos sistematizados pelos seres da categoria primeira aos quais não logramos atender a contento.

Nós, as filósofas. Como ausentes, embora existentes, cujo estatuto ontológico parece assim comprometido por um esquecimento coletivo, em bloco e de comum acordo, passado em silêncio desde um combinado tácito e que teimamos agora tentar reconhecer e desvelar. Propositadamente esquecidas, nesse caso, como insiste Elisabeth Grosz (1993). Temos mentes esvaziadas de ideias filosoficamente legítimas devido às repetidas pancadas produzidas pelo iletramento, pela educação capenga dos espaços privados e não institucionais, feita à sorte dos encontros e dos achados, errante e insegura. Mentis pouco afeitas à ordem dos sistemas, cujos sulcos oriundos do esvaziamento de ideias filosóficas como ideias propriamente filosóficas nos deixam frequentemente afásicas. Temos cordas vocais sufocadas pela interrupção sistemática da publicização de nossa filosofia. E começamos a duvidar nós mesmas de nossa própria habilidade de enunciação filosófica, a logoplegia sendo um sintoma típico da lesão corporificada das filósofas. Sentimos, profundamente, no entanto, que sob a casca da afemia, o filosófico pulsa para se regenerar, para além ou para aquém do poético, do literário, do artístico, do pedagógico.

Nós, o conjunto dos seres vivos explorados de diversos modos pelo poder hierárquico usurpador da ‘vida’. Mulheres, corpos femininos e femininizados a serviço da reprodução social, privada, doméstica, sexual, violentada, e cinicamente prostituída à razão da salvaguarda de sua pureza familiar, materna, cuidadora; corpos de gênero dissidente em seu profundo elogio ao amor, à vida, à corporeidade; corpos negros e indígenas colonizados e escravizados a serviço da capitalização de sua força vital, da força de sua terra, da força de sua resistência; corpos não-humanos, e não apenas aqueles que conosco mais se parecem, convivem e habitam; corpos vitais para um amplo conceito de ‘vida’. Fomos todas lesadas, profundamente. São essas as lesões que aparecem como cicatrizes históricas impossíveis de reparação, impossíveis de justiça, impossíveis de reversão. São essas as lesões que aparecem como cicatrizes sociais e políticas que persistem em estruturar as nossas respostas aos corpos de pessoas negras e de pessoas indígenas, como seres de nenhuma categoria, a não ser talvez aquela da animalidade, vista então como carne ao dispor da fome do mercado – desde a nossa colonização até o espectro da colonialidade que sintomatiza nosso apreço ocidentocêntrico e

europizante. São essas as lesões que amontoam a animalidade como produtos de urgência, mas que não dão conta de sanar a fome do mundo. Nem assim. São essas as lesões que aparecem como feridas climáticas. E é da ordem dessas lesões que trata a impossibilidade de renascimento. Não é possível e não seria justo renascer em detrimento da profundidade dessas lesões efetuadas há tanto tempo sobre tantos corpos e tantas criaturas.

Precisamos aprender a viver marcadas, a relembrar os motivos das nossas cicatrizes e atrofias, a amar e a usar nossas próteses e nossos membros regenerados em seu novo funcionamento e a compreender enfim todas as nossas percepções capacitistas concomitantes. Precisamos aprender a nos regenerar, e a tomar as lições de regeneração como potentes experiências feministas, aprendidas em conjunto e coletivamente e no reconhecimento de nossa monstruosidade mútua como acúmulo de fúria, solidariedade, tempo, energia. Pense em Furiosa e na impossibilidade de que seu corpo esqueça a necessidade de se viver continuamente em trajetórias múltiplas, tumultuadas, arriscadas e coabitadas de regeneração.

Eu gostaria de pensar que essa é a estrada para uma filosofia regenerativa.

Com a filosofia feminista, ao tomarmos posições epistêmico-moral-políticas que nos ajudem a compreender como fomos lesadas e como agir para nos regenerar. Ao tomarmos a localização corporificada de percebermo-nos no meio das coisas e no meio do caminho, com uma multidão de corpos em situação e contrários ao agenciamento individualista, solipsista, universalizante e totalizante do conhecimento. Coletivizar o conhecimento significa reconhecermo-nos mutuamente como corpos lesados e procedermos dialogicamente à correção recíproca de nossas adesões hierárquicas impensadas e à manipulação daqueles recursos terapêuticos diversos que cada uma de nós carrega consigo. Ao tomarmos a localização corporificada de percebermo-nos como diferentemente atravessadas pelas nossas diferenças. Ao posicionarmo-nos à escuta da interseccionalidade e em ojeriza à colonialidade, reconhecendo sua cicatriz sem nos deixarmos cooptar por sua reiterada reprodução. Reconhecendo a marca indelével dessa lesão, mas procedendo de modo tentacular sobre todo o aparato institucional e institucionalizado de exploração e domínio epistêmico, moral e político que coaduna ações patriarcais, capitalistas e imperialistas.

Uma filosofia feminista é regenerativa em suas urdiduras coletivas monstruosas que resultam em performances críticas do academicismo, da filosofia mainstream, da univocidade metodológica em sala de aula, sempre pedantemente hierárquica e autoritária, da univocidade metodológica textual, impermeável à enunciação furiosa e indignada, impermeável ao proferimento poético, literariamente engajado, politicamente manifesto, da unilateralidade da validade textual filosófica como sistemática, argumentativa, disputativa, belicosa e violenta. Uma filosofia feminista regenerativa jamais pode ser,

coadunar ou conceder uma filosofia da violência. A violência da filosofia ou uma filosofia da violência é continuamente lesiva para nossos corpos já extensiva e historicamente agredidos, golpeados e dominados à força de um conceito misógino de filosofia. A estrada da fúria é uma estrada de regeneração, não de asfixia. A filosofia da dominação textual unívoca e unilateral, aplainada por um estado de coisas acadêmico-canônico excludente, é uma filosofia violenta. Uma filosofia feminista regenerativa é metodologicamente plural, é textualmente porosa e afetiva, afeita a performances elas mesmas restaurativas para um conceito ampliado de atividade filosófica, de texto filosófico, de aprendizado em filosofia. Precisamos de regeneração como precisamos de um conceito regenerado de 'filosofia'. Se para o comodismo elitista da academia ele é um conceito monstruoso, para nós ele é, por isso, potente, tentacular, vital.

Com as filósofas. Porque o que temos feito como filósofas é muito mais do que apenas recontar a história da filosofia com os nomes propositadamente esquecidos das filósofas. Com suas metodologias textuais plurais, com suas performances textuais políticas, com suas filosofias de fronteira, com suas lições de insistência, situacionalidade, ironia, utopia, ficcionalidade, persuasão, experiência, temos aprendido sobre outros modos de habitar a filosofia. Porque é disso que trata uma filosofia não universalizante e não totalizante, provisória e instável, como filosofia feminista, feita com e por filósofas, da recusa do distanciamento supostamente requerido para a atividade filosófica, para a escrita filosófica, como se não morássemos nas palavras filosóficas tanto quanto moramos em nossas palavras de sobrevivência. Habitar a filosofia, aliás, como uma questão de sobrevivência. É o que faço aqui nesse ensaio, a propósito, nessa performance textual política que me abriga de uma filosofia degenerativa, irremissível, violenta e irresponsabilizável.

Com a filosofia para além da filosofia acadêmica.

Os outros modos de habitar a filosofia que temos aprendido com as filósofas, com a filosofia feminista, com a pluralidade da corporeidade feminista, com a diversidade textual comprometida com a vida, para um amplo conceito de 'vida', são os modos de incursão por estradas avessas ao enclausuramento da reflexão institucional, avessas ao privilégio filosófico atribuído aos iluminados sabatinados que logram superar todos os vieses de avaliação, de atribuição e de autorreconhecimento epistêmico. São os modos avessos ao mero produtivismo cooptativo do capitalismo insidioso de nossa vida acadêmica. São os modos de um outro tempo filosófico, que leva tempo. Que modifica o curso dos rios reflexivos como os lobos mudam o curso dos rios ao voltarem para seu ambiente,

regenerando, e agora regenerado. Essa é uma outra metáfora regenerativa potente, como aquela da ciborgue Furiosa⁴. E tudo isso, de novo, é uma questão de sobrevivência.

Sobreviver significa reconstruir os tecidos vitais feridos. Sobreviver, da decorrência de todas as usurpações realizadas à corporeidade, significa a paciência da terapêutica de sutura e alinhavo. De todas as peles necessitadas de convalescença, das peles dos rios e suas margens refeitas, das peles da terra e suas lutas de florestas, apesar do seu esvaziamento e arrasto. Quisera houvesse tempo para uma terapêutica contra o fim do mundo. Das peles da animalidade deixada a viver. Das peles humanas e dos membros humanos recuperados ou renovados ou tecnologicamente adicionados para a paciência da sobrevivência. Tudo isso é uma questão de um outro tempo de maturação e restabelecimento. Os diferentes tempos de regeneração de cada corpo e de cada vida. Leva tempo. Um tempo insubmisso à lógica da produção desenfreada à custo de tudo. Insubmisso à lógica da reprodução das tecnologias de abuso, controle, dominação e morte. Insubmisso ao esquecimento injustificado dos motivos das lesões. Compreender, regenerativamente, requer uma atitude de paciência e convalescença, na especificidade de cada tecido vital que compõe a trama complexa de nossa imagem de seres localizados e responsabilizáveis. É disso que trata, no fim das contas, uma filosofia feminista regenerativa, das teias de vida insistentemente reconstruídas a cada amanhecer – não a cada renascer, mas cotidianamente. Porque ‘vida’ é o conceito vinculativo a todos os sujeitos do feminismo. Ou seja, a vida é o sujeito da e para a filosofia feminista – e não apenas as mulheres. Nem mesmo apenas as filósofas.

Eu gostaria de pensar que essa é a estrada para uma filosofia regenerativa.

Feita à força da esperança de que uma singela inserção modifique os cursos dos nossos rios filosóficos, de nossas experiências filosóficas; de nossas experiências de corpos pensantes; em reverência à complexidade e aos elementos diversos que nos tornam monstruosas, porque cicatrizando continuamente. ‘Lesão’ significa marca permanente, e uma lembrança insistente dos arrepios provocados pela história única da filosofia. E de sua força hegemônica pungente. ‘Regenerar’ significa curar de sobreaviso e pelo sustento da coletividade.

Tenho tentado fazer filosofia regenerativamente, como uma aranha, um polvo, um lobo ou uma ciborgue. Esse texto é um ensaio de cicatrização.

⁴ Como os lobos mudam os rios: https://www.youtube.com/watch?v=fVfB4N_tvIE

Referências bibliográficas

- GROZ, Elizabeth. Bodies and knowledges: feminism and the crisis of reason. In: ALCOFF, Linda; POTTER, Elisabeth (Ed.). **Feminist epistemologies**. New York and London: Routledge, 1993, p. 187-215.
- HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 157-210.
- LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 121-155.
- SATTLER, Janyne. Christine de Pizan: questões epistemológicas e autoridade performativa. **Revista Signum**, Londrina, v. 24, n. 2, p. 82-109, 2023.